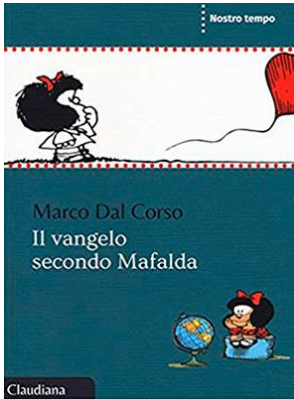


**A Bíblia aos quadrinhos.** Os ensinamentos sagrados transmitidos através das tiras de banda desenhada: as conversas da pequena e impertinente menina desenhada por **Quino**, ou pela disfuncional família criada por **Matt Groening**.



# Deus

contado pela Mafalda  
e pelos Simpsons



BRUNETTO SALVARANI 3

# teologia per tempi incerti

editori laterza



O artigo é de **GIANFRANCO RAVASI**, cardeal italiano e prefeito do Pontifício Conselho para a Cultura, publicado por *Il Sole 24 Ore*, 09-12-2018.

**H**á uns anos atrás, a editora Einaudi decidiu publicar, em pequenos volumes, alguns textos bíblicos particularmente estimulantes, mas fazendo-os introduzir por figuras da cultura contemporânea, a partir de percursos pessoais, não raras vezes alheios ao mundo religioso. Para o conjunto dos cento e cinquenta Salmos foi escolhido Bono, o famoso líder dos U2, de origem católica irlandesa. Gostaria de citar um trecho da sua introdução.

*"Quando tinha doze anos, era fã de David, era-me uma figura familiar ... tanto quanto uma estrela pop pode ser familiar. As palavras dos Salmos eram poéticas e, ao mesmo tempo, religiosas. E ele era uma personagem dramática, porque antes do cumprimento da profecia que o tornou rei de Israel, aconteceu-lhe de tudo um pouco. Foi obrigado a exilar-se, acabando no fundo duma caverna, numa remota cidade*

*fronteira, onde teve de enfrentar uma tremenda crise de identidade e se sentiu abandonado por Deus. Mas é, precisamente, aqui que a novela se começa a tornar interessante: parece que foi naquela caverna que David terá composto o primeiro Salmo, um blues. E há muitos salmos que me parecem exatamente isso, blues: o homem que clama por Deus, meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Por que permaneces afastado do meu grito e das palavras do meu lamento? (Salmos 22,2)".*

Não nos deve surpreender esta impressão bíblica num cantor de rock, embora, exegeticamente, muito aproximativa, pois já tivemos oportunidade, por várias vezes, de verificar o mesmo fenómeno noutras personagens da música contemporânea, como **Dylan** e **Springsteen**. Essa ramificação, muitas vezes cársica, de motivos bíblicos, pode ser ampliada a outros géneros e personagens inesperados.

Aliás, foi precisamente a uma análise semelhante de presenças sagradas inesperadas que a **editora Claudiana** dedicou toda uma coleção, com o anódino título de "*Nostro tempo*". Pois bem, no último volume dessa coletânea, foi tentada uma sondagem surpreendente no âmbito da banda desenhada, cujo nascimento como género de massas remonta, consensualmente, às charges do **Yellow Kid**, que apareceram em 1895 no "*New York World*". Desde então, o público foi inundado por um autêntico mar de tiras de banda desenhada. Os da minha geração deixaram-se fascinar pelo "*Sr. Bonaventura*" do "*Corriere dei Piccoli*" e, depois, pelo Mickey da Disney, até pelo "*Vitorioso*", "*Linus*", e o "*Corto Maltese*", e assim por diante.

Marco Dal Corso, professor de teologia que já inclui no seu currículo um curioso ensaio sobre Bíblia e

futebol, também publicado pela Claudiana, faz agora uma experiência com um dos mais divertidos escritores de tiras de banda desenhada, objeto, também, de várias análises semióticas (também Eco se apaixonara por ele), que é o argentino Quino, nome artístico de **Joaquín Salvador Lavado**, nascido em 1932. É o pai da pequena, atrevida e terrível **Mafalda**, em permanente polémica com o mundo dos adultos, que despe dos véus de todas as suas hipocrisias. Vem-me espontaneamente à memória uma das suas falas: "*Amar a humanidade não é lá grande esforço. Difícil é amar o vizinho!*" E este pensamento é paralelo ao de outro ícone das tiras aos quadrinhos, o norte-americano **Charles M. Schulz** (1923-2000), o criador dos *Peanuts*, que coloca na boca de seu doce cãozinho **Snoopy**, a mesma amarga constatação: "*Adoro a humanidade ... são pessoas que eu não suporto!*"



Tirinha do Peanuts publicada no Brasil (Foto: Reprodução)

Mais "furiosa", **Mafalda** assume, também, outras **categorias éticas evangélicas**, que Dal Corso ilustra, tanto no seu perfil teológico, como na versão alegre da menina. Estamos a pensar na seleção de tiras sobre o **tema da justiça** reproduzidas no livro. São idealmente iluminadas

pela pergunta que ela e os seus amigos fazem ao leitor: "Por que não iniciar neste novo ano, finalmente, a construção sempre adiada de um

mundo melhor?". Mas a última fala é a dela, amarga e realista: "Ou algum tolo terá perdido os projetos?" E quando o seu amigo **Felipe** adverte: " Há séculos que o mundo vai mal. Estás a ouvir, há séculos!" Mafalda imediatamente responde: "Então o culpado já deve estar morto. Cobarde!". Também a pobreza, a liberdade, o mal e o sofrimento surgem com uma carga de moralidade evangélica. O "laico" **Quino** não hesita, mesmo, eventualmente, em colocar Deus em cena, com a pergunta da pequena à mãe: "É verdade que Deus está em toda parte". Perante a resposta afirmativa, Mafalda comenta preocupada: "Coitadinho!"



Reprodução da imagem do personagem de Quino, Mafalda

Na prática, o aspeto mais evangélico da menina é interpretar a realidade através dos olhos das crianças que, de acordo com Jesus, são o modelo para se entrar no Reino de Deus ("A não ser que se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus", Mateus 18,3).

Passemos, agora, a um grupo bem mais complicado e duro de personagens, a disfuncional **família Simpson**, criada por **Matt Groening** em 1954. Surgiu na televisão em 1987 e, desde então, transformou-se num fenómeno *cult*, a ponto de o *Oxford English Dictionary* não hesitar em classificar e dar acolhimento à contrariada exclamação de **Homer**, *D'oh!* A estes pais e

filhos, que inocentemente refletem os vícios e as virtudes, o bem e o mal da humanidade, é dedicado um verdadeiro estudo, por parte de um teólogo e escritor a quem devemos muito neste e noutros âmbitos da expressão, **Brunetto Salvarani**. Sim, porque foi graças a ele que muitos perceberam que a **Bíblia** é tudo menos uma empoeirada parafernália de histórias do passado.

Na verdade, este autor tem revelado uma contínua penetração na cultura, não só clássica (na esteira do "grande código" da **Northrop Frye**), mas também contemporânea, não apenas alcançando picos literários, como também, embrenhando-se pelos vales das atuais formas de arte, como a canção de **De André** ou **Leonard Cohen**, a quem dedicou dois extraordinários retratos "bíblicos"

(sempre pela **Claudiana**), até chegar, precisamente, aos Simpson. A sua viagem narrativa, ao contrário da de **Dal Corso** que age de forma impressionista, é agradável, mas fortemente documentada com base na análise de cerca de setenta episódios da série de televisão e cinema. A leitura também é fonte de ironia, logo a

partir do jogo inicial do subtítulo, *De Bart a Barth*, onde se junta um dos três agitados e rebeldes irmãos **Simpson, Bart**, com o pomposo teólogo protestante **Karl Barth**.



Reprodução da imagem do desenho do Snoopy com Charlie Brown

No seu prefácio, **Gioele Dix**, outra personagem criativa do nosso panorama cultural, capta o cerne da sinopse dos **Simpson** realizada por **Salvarani**. Diz que eles incorporam "aquele território franco no qual habitam uma confusão de clichês e manias, medos e paixões, revival e nostalgia", e conclui enfatizando "o parentesco com a narrativa bíblica que nos oferece o pior (mas por vezes, até mesmo, o melhor) de homens e mulheres, com uma linguagem crua, sem mediações ou alusões". E já que estamos a falar deste assunto e na companhia do autor, gostaríamos de concluir com um conselho.

Se algum leitor quiser ler a **Bíblia** com olhos desprovidos das lentes preconceituosas da sacralidade, livres de aspetos confessionais e até de moralismos - lentes frequentemente usadas no âmbito "laico" - siga a Teologia para tempos incertos de **Salvarani**. Trata-se de um itinerário na região das Sagradas Escrituras, cruzando personagens frágeis e profundamente "verdadeiras", como Jonas, Noé, Jacob, Job, Eclesiastes, o próprio Jesus e a sua Igreja. Levar-nos-á a descobrir uma escola viva da humanidade, cujos rostos são os mesmos que encontramos nas nossas casas ou estradas, ou de manhã quando nos olhamos ao espelho, com as mesmas ansiedades e expectativas, com as mesmas dores e alegrias.



Família Simpson (Foto: Divulgação | Fox TV)

# o sagrado também é obsceno nas igrejas medievais

**Enormes falos, mulheres exibindo o sexo, masturbações, casais em atos eróticos, surgem em muitos monumentos cristãos da Idade Média, tanto em Espanha como em Portugal. Não há consenso sobre a intenção da Igreja por trás destas figurações.**

Como interpretar as figuras eróticas e obscenas nos monumentos católicos de estilo românico? "Há tantas interpretações como pessoas nesta sala", respondeu uma historiadora de arte num encontro em Palência, Espanha. Em Portugal há pelo menos 90 "figuras luxuriosas" deste período, segundo um estudo de Joaquim Luís Costa publicado no site Medievalista, do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade de Lisboa.

O relato do que foi dito no curso sobre Arte e Sexualidade nos Séculos do Românico, que decorreu no mosteiro de Santa Maria la Real de Aguilar de Campo, no fim de semana passado, surgiu na edição de hoje do El País, acompanhado de uma galeria de fotos. Como não existem documentos de então que expliquem a razão de ser de tais esculturas, o debate fica em aberto.

É na Cantábria, na Colegiata de San Pedro de Cervatos, que se localiza o caso mais conhecido e numeroso de esculturas eróticas em monumentos católicos em Espanha. Há mais exemplos noutras regiões do país, como foi relatado. As tentativas de explicação incluem a hipótese de estas figuras representarem "aquilo que não se deve fazer". Mas o diretor do centro de estudos da Fundación Santa María la Real refuta essa ideia: "Seria o mesmo que dar revistas pornográficas a um adolescente para lhe dizer 'olha para isto, que é mau'."

Era "uma representação da vida quotidiana", defende outro professor, enquanto outros perguntam: "Seria um incitamento a procriar,

numa fase de grande mortalidade infantil?"



Mulher que exhibe o sexo, capitel do presbitério na Colegiata de San Pedro de Cervatos (Cantábria).  
© Fundación Santa María La Real, Jaime Nuño

José Luis Hernandez Garrido, da Universidade de Zamora, sugere: "Talvez as usassem como antídoto ao mal, uma espécie de para-raios contra o maligno." Descarta a possibilidade de se tratar de travessuras dos canteiros: "Eram artesãos humildes, não tinham grande poder de decisão nos temas decorativos que vinham do bispo ou do senhor que pagava a obra." Alicia Miguélez, professora da Universidade de Lisboa, onde é subdiretora do Centro de Estudos Medievais, foi uma das intervenientes no curso. Explicou: "Os artistas tinham modelos que

copiavam e adaptavam. Eram oficinas itinerantes nas quais normalmente havia um mestre e vários aprendizes que se iam deslocando conforme as encomendas que recebiam."

Segundo a historiadora Paloma Moral de Calatrava, da Universidade de Murcia, a Igreja teve de encarar o facto de as freiras e os monges serem entes sexuais. As religiosas que sofriam de "sufocação uterina" devido à abstinência sexual eram autorizadas a masturbar-se ou mesmo a usar um "consolador primitivo", que devia ser "delicado, feito de salitre, cera e agrião". Para os homens não havia esta escapatória: "Não pode ministrar o sacramento da Eucaristia alguém que mancha as mãos com sémen, considerado impuro", segundo a reforma gregoriana do século XII.

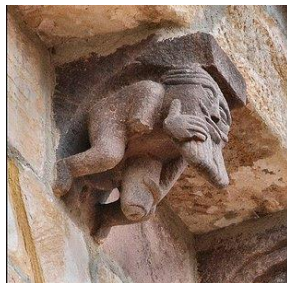
### A arte obscena do românico em Portugal



Joaquim Luís Costa, do Centro de Estudos do Românico e do Território, de Lousada, publicou em 2014 no *Medievalista* um estudo pormenorizado sobre "**Luxúria e iconografia na escultura românica portuguesa**", onde identifica 90 exemplos no território português. Este especialista constata que a maior parte se encontra a

norte do Mondego, e especifica: "Devemos reconhecer que a maioria das figurações objeto do presente levantamento foram encontradas na região minhota, levando-nos a concordar com Manuel Luís Real quando refere que nesta região portuguesa existe uma tendência para representar homens e mulheres em atitude libertina."

As sereias constituem um terço destas figurações, e o exemplo mais evidente é o do Mosteiro de Travanca (Amarante), "pela diversidade que apresenta sobre as sereias-peixe, com feições femininas, masculinas, de cauda simples ou dupla e aprisionadas a outros seres".



Homem exibindo o falo, Colegiata de San Martín de Elines (Cantábria). © Fundación Santa María la Real, Jaime Nuño

E acrescenta: "Figurações de mulheres e homens surgem com relativa frequência. No entanto, a sexualidade explícita não é visível na larga maioria dos casos, sendo uma prática contida. A maioria das representações eróticas são-no através dos significados simbólicos e não da representação plástica dos órgãos sexuais propriamente dita."

Ainda assim, nem a Sé de Lisboa escapa a esta coleção, com uma imagem da *Prostituta da Babilónia* num capitel do portal principal. Homens exibicionistas ou a esconder o sexo, mulheres exibicionistas ou a parir, casais ou mesmo falos estão identificados em igrejas, sobretudo no norte do país.

Ana Sousa Dias. Jornalista.

# o inventor de Utopias



canções do Zeca há muito se tornaram património cultural do povo português.

Já o escrevi: Poucos rostos e poucas vozes podem reclamar, com tanta razão, a força identitária de corporizarem a esperança de Abril e uma pátria de liberdade e de utopias, em tudo aquilo que a dimensão utópica é

**o Zeca** faria ontem [2 de

Agosto] 90 anos, se ainda por cá andasse inventando um mundo novo. E aí está ele, outra vez, de passagem, obrigando os canais da informação a breves noticiários de circunstância. Tantos anos depois da sua partida, a simples evocação do seu nome e uma canção geram o frémito de um sentimento de gratidão ao Zeca, porque a dívida é infinita. Vejo o Fanhais, com a ministra da Cultura, levando milhares de assinaturas reclamando que a obra do Zeca Afonso seja classificada como património cultural deste país. Eu também assinei e disse ao estupendo Francisco Fanhais que, para lá do reconhecimento institucional, as

projectiva em relação à vida e ao futuro. O Zeca foi, na poesia das suas canções, na força dos seus gestos, na firmeza das suas palavras, no despojamento franciscano das suas atitudes (sempre indiferente ao materialismo das conveniências e dos dividendos) um anunciador de tempos novos e de uma felicidade que o seu sorriso de humanidade inteira parecia fraternalmente anunciar como a coisa mais simples deste mundo.

Vejo passar apressadamente a sua imagem na tv, com fragmento de uma canção do autor de "Cantigas de Maio", e faço-lhe um aceno de saudade:

- Oi, Zeca! Venha de lá o canto livre!

Sábado, 3 de Agosto